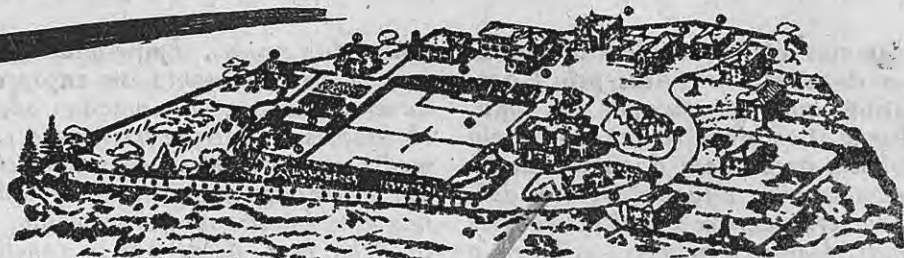




# O Gaiato



Visado pela  
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º 229 PREÇO 1\$00

## Padres Clandestinos

## AO MICROFONE

Com este nome, sabemos que para além da chamada «cortina de ferro», existe hoje um núcleo de sacerdotes romanos, que vivem e operam como era nas Catacumbas. É um natural renascimento. Os padres clandestinos e seus fiéis, entram de novo no seio da Mãe Igreja. Nicodemos, que era mestre, não sabia, mas nós hoje estamos inteirados do misterioso pensamento de Jesus. É preciso renascer.

Ninguém acredita que o comunismo se combata e seja vencido à mão armada. Ninguém. E tanto assim, que depois dos anos e dos

engenhos, a onda procede intensa e extensivamente. Perante a força da ideia, só a ideia! As baionetes não valem.

Também se me afigura que nem tudo são trabalhos forçados do lado de lá; há-de haver pelo menos uma geração imensa de novos e convencidos. Milhões deles, capazes de dar o sangue pelo ideal que defendem. Não-de, certamente, aprender o seu *abc* nas suas escolas, professar as suas doutrinas, viver as suas convicções e esperar uma sua redenção. Eu tenho muita pena de não saber nada de nada; nem eles, ao que consta, deixam lá ir ninguém. Isto que digo é uma simples dedução do que se ouve e lê por esse mundo fora.

Mas nós, homens de fé, podemos muito bem sair das coisas visíveis e entrar nas invisíveis, pois sabemos que o nosso Deus é o Criador de umas e de outras. E assim munidos, usando o nosso raciocínio, podemos ver com muita luz os acontecimentos e daí tirar luminosas suposições. Eu cá tenho para mim que a Rússia é o sítio e que agora é o tempo... Ao fantástico e poderoso *abc* do seu povo, está hoje a opor-se o primitivo espírito cristão. Os padres clandestinos afrontam a morte e trazem o credo no seu coração. Sacerdotes desta sorte, formam naturalmente muitos fiéis à sua imagem e semelhança, e todos combatem e estão escrevendo páginas de maravilhoso heroísmo. Usam santo e senha. Código de sinais. Celebram missa em lugares escandalosos e obtêm a matéria do sacrifício por maneiras de que só o amor é capaz. Eles são tudo. Fazem-se tudo. Dão tudo e vencem. Vencer não é bem. Eles sabem e sentem que não. Cristo Jesus é que vence!

Os fiéis escutam e seguem e conhecem a voz dos seus pastores. Também eles são tudo. Fazem tudo. Dão tudo. Ensinam os camaradas. Fazem prosélitos. Os pais baptisam os filhos! A Rússia é o lugar e hoje é a hora...

Toda a Matança dos tempos actuais é uma preparação. Assim como os Romanos, também hoje estes bárbaros abrem caminho, inconscientes, para de novo passar Jesus de Nazaré! É preciso que Ele reine!

A figura de Jesus não dá para caricaturas. Ou é Ele ou não é nada. É por isso mesmo que o cristianismo desfigurado não vale. Não incendeia. Não faz irmãos. É um entretém. Nós somos optimistas. Não acreditamos no aniquilamento. Deus é o criador e o conservador das suas obras. Nada escapa ao seu poder. Os homens só vão aonde e enquanto Ele permite.

A Rádio de Leopoldville por cortesia, dá umas horas aos portugueses, por amor dos da cidade e muitos mais no interior. Ali me convidaram a falar. Esta palestra é a do regresso; tinha feito uma outra à ida para Moçambique, mas essa não a escrevi. Disse.

No meu regresso da Província de Moçambique a caminho de Lisboa, é meu desejo estuante saudar a população desta cidade, sobretudo a colonia portuguesa. Logo à chegada e ainda no aeroporto, tive conhecimento da vossa generosidade. Tomando eu conta o que me deram e o número de portugueses, nota-se a média de uns 200\$00 por cada um. Mais. Ao que ouvi das senhoras que saíram com listas, sei que todas deram com alegria e esta é justamente a nota cristã das vossas ofertas.

Tendo atravessado o Zaire para dar notícias da população de Brazaville, temos a dizer que também ali são portugueses e estavam todos em casa...! Se eu vos falar do que me aconteceu na Província de Moçambique, as notícias são incríveis! E se falar de Luanda, digo que muito há a esperar. Por toda a parte e em todas as circunstâncias, todos me disseram presente! Todos marcaram presença. Presença de migalhas; dinheiro e coisas que fazem falta a quem deu. Até os presos da cadeia e os doentes dos hospitais e os habitantes da Mansão dos Velhos Colonos de Lourenço Marques. Mahometanos, Hindús, Judeus, Protestantes. Todas as cores, todos os credos—tudo marcou presença. De nada têm valido as chamadas crises do comércio e da indústria e da agricultura. Pouco tem influido a força dos decretos de maior valia. Tudo isto, parecendo muito, tem sido letra morta diante do missionário da Obra da Rua; diante do missionário do «Património dos Pobres». Aqui há só um crer. Um só Deus. Um só baptismo. Um só destino. Uma só fé. Todos, por toda a parte, têm dito e afirmado que o amor do próximo é semelhante ao amor de Deus.

Se não puder levar comigo, sei que em breve receberei em casa uma lista com os nomes de todos os portugueses desta cidade. A cada um, por aquilo que já deram, ser-lhes-á enviado o nosso jornal e a todos faremos assinantes. O Avelino tratará da sua ficha. Não é preciso perguntar quanto custa, que o nosso jornal não é coisa mercantil. Não tem preço. Cada um quando quizer e como quizer, desobriga-se. O que nós pretendemos é semear nas almas boa semente e induzir cada um a combater o bom combate.

Tendo começado por vos saudar e na hora de partir, eu não quero dizer adeus. Não me quero despedir. Os pregadores da vida

eterna nunca fizeram assim. Eles saudam. Saudam em Cristo. Para onde quer que eu vá, qualquer que seja a ausência, por toda a parte e sempre, fico a considerar interiormente cada um dos meus ouvintes e nesse estado de espírito os vejo em Cristo. Assim também eles me hão-de ver e amar, qualquer que seja o tempo ou a distância. Esta é a verdadeira doutrina. Em Cristo e por Cristo nos conhecemos e amamos. Sem Ele, todo o homem é um desorientado e sempre um diminuído. Só Ele é a vida e a plenitude.

## Agora

Vai hoje por guião um Desconhecido que esteve aqui em Paço de Sousa e aproxima-se como que envergonhado e tira da sua algibeira um maço de notas: era uma casa! Daí a nada um automóvel desliza avenida abaixo. Dentro, um grupo de formosos rapazes, um dos quais ao volante. Ao pé, aquele senhor envergonhado e uma senhora com ar de feliz. Era a família. Vai aqui na procissão. Deus o ajude. Também vai aquela casa dos Catorze Irmãos, para a qual tínhamos recebido metade antes e agora a outra. Aqui não há dividas nem promessas por cumprir.

Ora agora tenham a bondade de abrir caminho por largo. Silêncio:

As senhoras portuguesas de Bumba arranjaram dinheiro para uma casa do «Património dos Pobres». Desejariam e pedem que essa casa tenha o nome de «Casa de Bumba» e que diga no seu jornal, onde se encontra para, com devoção, a visitarem numa das idas a Portugal.

Deve receber para esse fim a quantia de 14.500\$00.

Sentimo-nos felizes ao pensar que a «nossa Casa de Bumba» vai aquecer uma Família portuguesa.

«O Gaiato» é um bom «livro de Orações». Ao lê-lo, fazemos, sem querer, um rigoroso exame de consciência. Pode também chamar-se um apaixonado romance, sempre com continuação!

(CONTINUA NA QUARTA PAGINA)

### PATRIMÓNIO DOS POBRES

Não vamos aqui dizer que fomos os primeiros. Que eu saiba, aqui perto, o actual pároco da freguesia de Penafiel, com o seu povo, tinha já casas para pobres. E o de Baltar, também perto, da mesma sorte. É possível, ainda, que outros, por mais longe, tenham lançado mão ao arado, antes de nós o fazermos. Não vamos aqui dizer que fomos os primeiros. Mas os causadores do volume e do entusiasmo e do espanto e irradiação, isso sim. Neste ponto, ninguém nos sobreleva. Deus escolheu-nos. Ontem como hoje, é sempre verdade que Ele vai buscar os fracos e desprestíeis, para que se não venham a gloriar das suas realizações. E cá vamos.

Trago meus olhos contentes, do que hoje observei num aglomerado de seis casinhas entregues na Páscoa deste ano. Era um dia de sol. Fui por aí além. Os quintais! Os quintais, cada um com sua horta e estas cada uma com sua variedade de hortaliça! As casas espelhavam fora e dentro. Quem operou a mudança? A casa. Uma casa decente. Quem deu a esta gente o sentido do asseio e da ordem? A casa. Uma casa decente. Dantes como era? Tristeza. Não a tinham! E se considerarmos as coisas espirituais, que profundas modificações! Já se obrigam ao cumprimento da Lei de Deus. Já se luta. Já se ama. Porquê? A casa. Uma casinha decente. Nem haveria tantos casos nos tribunais de Maiores e de Menores, se cada família tivesse casa e pão. Nós todos sabemos isso muito bem. Mas não. Ateimamos nos palácios da justiça e colónias penais e reforma dos códigos; o que tudo é necessário, sim, depois de alojar cada um em sua casa.

Elas são a urgência. Alegro-me quando leio nos jornais a actividade que neste sentido vai pelo País além. Não me admiro nada que amanhã seja em toda a parte a ordem do dia.

Aqui a dois passos, existe uma rapariga que foi no Porto criada de servir e veio-se embora doente para a casa de sua mãe. Mas ali chove. Mas ali não há espaço. Mudou a enxerga. Foi-lhe perguntado se assim era melhor. Ela responde com heroica resignação: dantes era nos pés, agora é na cabeça que me chove! Foi-se ao sanatório saber da sua ficha; ela tinha metido os papéis. Sotibe-se. Tem duzentas e sete à sua frente! Tempo de sobra para morrer antes de entrar.

E agora? Agora nada. Dentro de breves semanas espera-se que nem nos pés nem na cabeça. O mestre de obras recebeu instruções para deixar outras e apressar esta. Mais uma casa. O tempo ainda nos não mostrou toda a profundidade do mal. Uns não sabem mostrá-lo. Outros não querem que ele se mostre. E todos nos perdemos se não acudimos já.

# Crónicas de África

Estamos em Leopoldville, aonde temos de esperar três dias pelo Constellation que nos vai pôr em Johannesburgo. Combinou-se que eu falaria à Colónia portuguesa daquela cidade. Marcou-se hora e lugar. Os dois diários da terra deram a notícia em duas línguas. Deu-se o primeiro milagre; o dono do cinema, judeu por nascimento, não levou nada pela casa e deu da sua algibeira. Nunca tal fizera!

Não perdemos nenhuma hora do pouco tempo que ali estivemos. Tendo um carro à nossa disposição, por elegante favor de alguém, não houve canto que não visitássemos. A cidade é espalhada, tanto, que o governo, para não alargar mais, está construindo blocos de muitos pisos, para moradias de seus funcionários. Árvores de muitas espécies, embelezam e defendem o calor. Não há residência que não seja totalmente tropical. O porto fluvial e estição do caminho de ferro, têm considerável movimento. Muitos quindastes. Muitos navios. Muitas lanchas. Muita gente a trabalhar. Armazéns extensos e abarrotados. O Zaire, ali, seria o Tejo, se não fossem os crocodilos e hipopótamos.

O bairro indígena merece ser visitado e nós fizemo-lo. O preto vive bem. Os que querem, têm em sua casa água e luz. Estas são alinhadas em ruas extensas. Ali não é lugar de comércio europeu. As lojas são postas e servidas por nativos. As pretas vestem caro e bem e os pretos da me ma sorte. Entrei na Missão e perguntei qual o número provável, cuidando que cinquenta mil era a conta. Pois não. Duzentos e cinquenta mil é a população do Bairro.

Às nove da noite fecha o intercâmbio entre as duas cidades. Pretos na sua, brancos na deles. Próximos e paralelos, sim, mas cada mocho seu em seu soito.

Com uma tamanha população indígena que ganha bem e gasta tudo, fácil é supor-se qual não será o volume do comércio; e este está todo na mão dos Portugueses. São mui raras as tabuletas com outros nomes que não sejam os nossos. O Belga, ao que eu notei e ali me disseram, é um senhor mui precioso, que come pão com manteiga, bebe cerveja e pouco mais. O funcionalismo é tudo. A espera pelo fim dos três anos é muito mais. Nós não. Nós somos diferentes. Os períodos dos portugueses dilatam-se por muitos anos. Mais resistência. Mais capacidade. No interior, dizem-me que há núcleos de portugueses com grandes interesses ligados às terras, esquecidos do tempo e de tudo.

As lojas do comércio indígena, são uma tentação. Elas são uma ratoeira. O preto não tem outro remédio senão comprar. Eu entrei em algumas. Eu mesmo, que era ali um estranho, sentia-me atraído pela cores e variedades! E fora das portas, sobre grandes caixotes estacionados, que o grande negócio se faz. A mercadoria é às rimas. Quanto maior desalinho melhor. Aqui é o preto que vende ao preto. Dentro, é o branco. Bicycletas são por milhares. As casas de comércio, ocupam os passeios em toda a largura com delas em exposição. Três mil francos dão uma. Por aquelas ruas extensas e bem pavimentadas, não há cão nem gato que não ande de bicycleta.

A instrução é obrigatória. São os Missionários. Grandes edifícios ao pé de lindas igrejas. Às horas, começam a chegar camionetes de rapazes e raparigas, vindas de distantes povoações.

As leis sociais são aqui mui dife-

rentes das nossas. Empregado que se mande vir, representa um encargo de duzen os contos; tão pesadas são as obrigações do patrão; passagens, casa, medicamentos, defesa e previdência, e um ordenado importante. Os indígenas também são muito protegidos. Eu cá acho bem, desde que os beneficiados compreendam e correspondam. Aonde há direitos também há deveres.

No dia 30 de Agosto era a maré. O Constellation havia de chegar às 10 e um nadinha depois estava. Tinhamos-nos despedido de quem nos recebeu. Era uma coisa aonde nada faltava; nem a presença de duas crianças adoráveis! No campo, muitas idades, muitas cores, muitas línguas. Faria color. Chamaram. Entramos; e não entram outros que não sejam os passajeiros... Ali é barreira guardada e defendida com unhas e dentes! Nós mesmos, os passageiros, além das nossas ostentações por andar naquelas alturas, somos apalpaços e medidos e pesados e perguntados e presos, se há suspeitas!

## Da que nós necessitamos

Mais de Arouca 1 000\$00, que o pároco ve o entregar. Mais batatas e castanhas do Douro, em senhas da C. P. Mais, do mesmo modo, árvores vivas do Moreira da Silva. Mais da Covilhã pneus usados. Se ali é ainda terra de Industriais de lanifícios e eles se quiserem lembrar da gente, nós dizemos que sim, com antecipado agradecimento. De entre as coisas retiradas do Espelho da Moda, (e tantas são!) era uma carta muito apagada de uma humilde pecadora com 4 contos lá dentro. Aquelle qualificativo está certo. Humilde e pecadora dizem muito bem. A graça recuperada, por si só, não faz o milagre; tem de haver a nossa cooperação. Ora é aqui que bate o ponto. Que longe da perfeição! Mais 122\$50 do Pessoal do Banco de Portugal. Sempre em toda a parte o Pessoal. A nossa Obra atrai estes. Mais 100\$ de Coimbra. Mais 40\$ de um serralheiro do Porto. Com quanto teria ele ficado?! Mais 90\$ de Lisboa, uma aposta. Mais 50\$ para a Viúva da Nota da Quinzena. Ela nunca mais foi desamparada. Mais 50\$ de Novaíorca. Mais 100\$ de Caminha. Mais 50\$ do Porto, de uma multa. Mais do Porto 500\$ de uma promessa ao senhor Padre Cruz. Mais 60\$ de uma dita a Nossa Senhora de Fátima. Mais 20\$ idem. Mais 50\$ de uma Mãe que vive triste. Mais 500\$ entregues a um vendedor. Mais tecido do Bairro—Minho. Mais 100\$ para o Barredo. Mais encomendas de vários pontos, mas nós temos ne-

### «BARREDO»

A SAIR BREVEMENTE



# Aqui, LISBOA!

## DE PADRE ADRIANO

Não há doença social, temo-lo dito muitas vezes, que não venha bater à porta das nossas Casas com febre alta. Viela, taberna, cinemas, latas, desemprego, fome e nudez—onde houver um dor ou aleijão moral, logo se julga que temos à mão remédio para tudo.

A maior parte das vezes, infelizmente, nada mais podemos fazer que gemer e sofrer com os que sofrem. Agora vimos clamar.

Grande, perigosa e contagiosa epidemia grassa há muito nas ruas de Lisboa de dia e de noite. O mal dá sobretudo nas mulheres. Dizem uns que é a fome a causa do mal, outros que é a fraqueza. Deve ser tudo junto.

O mal chama-se lama. Lama donde vem o lixo das nossas casas. Ela é tanta que já transborda das ruas e já tem acontecido chegar aqui. E mais estamos a vinte quilómetros... Volta e meia vem aí a mãe dum dos nossos rapasinho. Com ela traz todo o lameiro: são umas dez. Vem aí também o pai de outro. O rapasinho já lhe contou, em pouco tem-

po cinco companhias diferentes. Nenhuma é a sua mãe.

Que fazer? Cruzar os braços? Deixar passar?

—Não; o mal é tão sério que temos de o denunciar. Calar é consentir.

Como tolerar uma calamidade que está a minar as forças da juventude, a quebrar a união das famílias abençoadas, a lançar para a rua legiões de crianças abandonadas, a encher os hospitais, e a abandonar toda a vida social, nos escritórios, nas fábricas, não jalando já nas casas de espectáculo, nos cafés...

A mulher estranha come o pão e as lágrimas da esposa, bebe o sangue dos filhos, rouba corações que podiam ser de ouro, inundando-os de lama. Um verdadeiro flogelo essa gente parasita, improdutora, sugadora.

Os que mandam cruzar os braços pela simples razão de que o mal é comum a todas as cidades. Lamentável confissão de fraqueza esta, a dos fortes.

Mal totalmente evitável?—talvez; reduzível?—sem dúvida.

E, como se não fosse suficiente a fraqueza do temperamento latino, assistimos indiferentes a ofensivas continuas de drogas americanas e europeias. Elas em carne e osso, elas pintadas nas telas do cinema.

Para os países ricos que têm muito dinheiro para manicómios, sanatórios, hospitais, cadeias e asilos—poderá servir tal luxo; para um país tão pobre de recursos como tolerar tanta luxúria?

Que falem os médicos que conhecem a raiz e as consequências do mal; que falem os deputados que têm por missão defender os interesses da nação, que fale a Igreja encarregada de apontar aos homens os eternos decretos do Criador.

Nós, se estamos aqui a bradar, é em legitima defesa dos que vêm ao mundo sem culpa e que, em vão, buscam uma porta para dele saírem, já que o mundo deles não cuida. Ainda agora acaba de chegar mais um dos quatro filhos duma ex-asilada. Alguém censurava à infeliz o seu mau viver. Ela apesar de tudo julgava-se uma heroína só porque os não matou todos. Sim, a martaça dos inocentes é outro crime que alguém há-de expiar.

Não haverá por aí quintas no continente ou no ultramar, com altos muros onde se ensine a essa pobre gente, a ganhar o pão com o suor do seu rosto? Ou hão-de ser os que trabalham, os que mourejam, os que têm sempre diante de si a cruz duma numerosa família, quem tem de sustentar e suportar tão grande mal?

Grave culpa é calar. Nós falamos; no restrito campo da nossa actividade.

Que cada um varra a sua testada. A Igreja também aqui pode meter a foice.

Muitas madalenas têm sido por Ela elevadas aos altares.

## Os Nossos Livros

Melhor diria o nosso, por quanto, neste momento é *O Barredo* que nos ocupa. O Júlio não faz mais do que vir aonde eu estou, mostrar o andamento da capa. Se vou à tipografia é o *Preta* e o *Avôzinha* e o *Malaiá* e o *Tino* e o *Jovelino*. Anda a guilhotina. Anda a minerva. Anda o *Zé da Lenha*. E vão andar os primeiros exemplares na próxima semana. Não tenham pressa. Não reclamem. Temos 2900 fichas e seguem pela letra alfabética. Os ABC estão a ganhar!

Os pedidos chovem. Um senhor doutor do Exército, dá mil escudos por um *Barredo*! E mais e mais e mais!!

# PELAS CASAS DO GAIATO

**PAÇO DE SOUSA** Caros leitores, o Natal está à porta e práqui tem escorregado pouca coisa.

É preciso, pois, que os senhores prá maré comecem a despejar os celeiros porque nós somos muitas bocas. Entendidos?

Últimamente têm-se disputado renhidos desafios de quei em campo entre os carpinteiros e os rapazes da tipografia, em que os segundos têm posto em evidência a sua técnica, mas os primeiros têm ganho quase sempre.

Esta semana não temos jogado porque a bola desapareceu do mapa.

Temos comido esta semana muitas castanhas às refeições graças aos nossos amigos que quando têm uma oportunidade não nos consola com estas ofertas.

Alguns rapazes foram ver o Portugal—Áustria. Mas o Domingo começou lá no estádio a discutir e ia levando um enxerto, porque os enxertadores julgavam-no como austriaco.

Ora que esta sirva de lição ao menino Domingos. Para outra vez que meta a viola no sacco...

Agora pedimos aos nossos amigos leitores, livros de histórias para a doutrina do *Sejaquim* porque as histórias que ele lá tem já estão todas lidas. A doutrina do *Sejaquim* está a ficar fanada de todo...

Os senhores vejam lá.

Os trabalhos na *Coreia* já vão bastante adiantados. Os rapazes do *Sejaquim* andam lá desde manhã à noite sem descansarem.

Mas eles não se importam e andam a trabalhar com muita alegria e devoção, comportando-se assim como uns valentes homens, sendo merecedores dum bom prémio.

A nossa tipografia está a progredir dia a dia. Os trabalhos já saem com toda a perfeição e técnica. Vamos tendo com regularidade trabalhos comerciais para executar.

Os senhores vejam lá se deixem as nossas máquinas ganhar ferrugem... Isto no caso de não mandarem serviço para a nossa tipografia. Vejam lá!

O nosso livro, *O Barredo*, vai em bom andamento. Já está quase todo cozido, ficando por isso pronto antes do Natal.

Os senhores façam já hoje o seu pedido porque senão bem ficam sem ler esta edição monumental.

Daniel Silva (Corre)

**SÃO JOÃO DA MADEIRA** Eu sou o Manuel

Risonho o grande antigo vendedor da cidade do Porto. Hoje vou vender a *Águeda* que pertence ao Lar de S. João da Madeira. É a segunda vez que lá vamos e graças a Deus *Águeda* vai dando provas de progresso. A primeira vez que fui, vendi 34 porque era dia da comunhão para as crianças e por isso mesmo não foi grande a venda, mas graças a Deus fui bem recebido. Tenho a agradecer primeiramente ao Senhor Abade daquela vila e depois às senhoras que me meteram lá e me deram de comer sem saberem quem eu era e quem não era e que fizeram com que aquela boa senhora das camionetas nos desse as passagens para lá, mas Deus é omnipotente e essa senhora lá tem o prémio; lá diz o ditado: quem dá aos pobres empresta a Deus. Também não me esquece a polícia de viação e trânsito, que muito minha amiga ter sido.

Segue-se: *Águeda* é uma vila que se afirma. Mas, ó gente de *Águeda*, brevemente aí tendes o Pai Américo. E terminando esta pequena crónica deito votos para que a vila de *Águeda* seja um bom centro de venda para mim.

Manuel Figueiredo (Risonho)

**COIMBRA** A venda do jornal tem corrido melhor do que nos outros anos. Este ano a nossa média tem sido quase sempre de 1100. Esperamos melhorar cada vez mais.

Em Coimbra há uma pessoa que nos deu 50 litros de vinho e castanhas; esta pessoa, como nos outros anos tem feito o mesmo, este ano também não se esqueceu de nós. Agradecemos muito e esperamos que continue sempre a lembrar-se de nós.

Chegou há dias uma mala com livros para a nossa biblioteca. A pessoa que nos enviou estes livros ficamos muito gratos. Aproveitamos a oportunidade para agradecer às Digníssimas Empresas do Cinema Sousa Bastos e Teatro-Avenida e à Associação Académica União, por nos terem concedido a entrada respectivamente nos espectáculos de cinema e futebol.

Esperamos continuar a ter a mesma simpatia destes Clubes e Empresas de Cinema.

O ano passado demos alguns cobertores aos nossos pobres e este ano estão a fazer-nos muita falta, mas os nossos irmãos pobres também os merecem. Se não fossemos nós, muitos teriam já morrido de fome e frio. Esperamos recuperar estes cobertores que demos, pois estou certo de que os leitores não nos deixarão morrer de frio e ele está já a apertar e as nossas camas só têm 1 e 2. O que nos vale são as nossas gabardines e sobretudos. Quero também lembrar umas passadeiras cá para casa. Quando a casa é esfregada parece uma papelaria. Só se vêm papeis a servir de passadeiras. Espero que não desprezem este

pedido. Devem ler isto e em seguida pegar numa passadeirazinha e dizer: deixa-me mandar esta passadeira para o Lar do Gaiato de Coimbra; ou então se for pessoa de Coimbra e não queira ter a maçada de mandar directamente para o Lar, pode entregar na Casa Porfírio Delgado—Rua Ferreira Borges, 125 - Coimbra.

Por agora nada mais nos resta e esperamos que correspondam aos nossos pedidos, que desde já agradecemos.

Manuel dos Santos Machaço

**TOJAL** Meus senhores, a notícia mais alegre que podemos dar, é a vinda do nosso Pai Américo. Veio muito contente e bem disposto. Desembarcou no Aeroporto e veio direito à nossa casa almoçar connosco. Ficamos muito satisfeitos de o ver. E também vieram dois senhores do Porto esperá-lo e o Sr. P.º Horácio, o Avelino e o Carlos Gonçalves.

Continuamos a construir currais para os bois, vacas e ovelhas.

Há dias andava um dos nossos operários a levantar um andaime da altura de seis metros, para a construção do palheiro novo. De repente parte-se o travessão em que este estava e lá vem tudo pelo ar. Ao princípio ficou desmaiado, mas depois recuperou os sentidos, levaram-no logo para o nosso consultório e deram-lhe uma injeção; depois mandaram chamar um táxi e levaram-no para o Hospital de S. José aonde ficou. Felizmente já está salvo; só partiu três costelas.

Andamos agora na colheita das azeitonas. A senhora retalhou um montão delas para a gente depois as savoriar. A maior parte delas foi para o lagar se preparar o azeite para nós que tanta falta nos faz. Apear de não ser ano de azeite, ainda vamos ter uns oitenta litros dele.

As nossas laranjas já estão a querer tomar a cor. O Doutor e o Peninhe foram a tribunal por causa de começarem tão cedo a mexer-lhe.

Victor Manuel Henriques

**LAR DO PORTO CONFERENCIA DOS PEQUENOS** Aos 10 de Novembro de 1952 reuniu pela segunda vez a Conferência de S. Vicente de Paulo do Lar do Gaiato do Porto com assistência de todos os confrades, assistente e presidente.

Em primeiro lugar rezamos as orações habituais, e em seguida fez-se a leitura espiritual pelo livro (Confessivos bem). Terminando esta parte, fomos interrogados pelo presidente, o qual nos contou as necessidades do seu pobre, que é o da Lapa.

Começou por dizer que o pai e filhos se encontravam na cama porque estavam doentes, o mesmo levou alguns medicamentos que o pobre ficou tão contente que não sabia como havia de agradecer.

O pobre do Bonjardim que sofria de doença pulmonar, esteve um mês no Sanatório, e veio outra vez embora e nós estamos a tratar dos papéis para o lá metermos definitivamente, ficando a sua mulher a receber 50\$00 semanais para a ajuda do aluguer da casa.

Ficou resolvido entrar mais dois pobres para nossa Conferência.

Como não havia mais nada a tratar a sessão foi encerrada pelo presidente, com as orações finais.

Caros Leitores: Nós os pequenos vimos por intermédio do Famoso pedir-vos o favor se nos podiam mandar uma imagem de S. Vicente de Paulo para pormos na sala de reuniões vicentinas, visto ainda não termos dinheiro para a podermos comprar e ela está-nos a fazer muita falta. Desde já ficamos muito gratos.

Fernando Guedes

## OUTRO PEDIDO

Com este título se pediam cobertores, no derradeiro número de *O Gaiato*. Cobertores para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Paço de Sousa. Pois bem. Mal o jornal tinha saído, nós já sabíamos que um senhor do Porto dera 5 contos a alguém, com o pedido obter deles, e que esse mesmo senhor, tendo cumprido, a Firma deu 50 peças que valiam mais do que a soma entregue. Todos deram!

Isto de por si já é prodígio, mas eu quero ir mais longe e chamar-lhe milagre. Esta maneira fulminante, supera as normas. Este dar que não espera, é um toque de graça. Não é natural!

# Isto é a Casa do Gaiato

\*\*\* Estiveram aqui de visita alguns Pilotos dos T. A. P.. Era domingo. Tinha tocado e os rapazes entravam em massa para o refeitório. Os visitantes, agora na cozinha, não se cansavam de dizer: *ai que cheirinho*. Pois bem. Quando voltarem, é só telefonar e nós esperamos. Não será só o *cheirinho*; é também o gostinho.

\*\*\* *Manel do Embrulho* é agora o meu refeiteiro, por ter ido o Bernardino trabalhar no Porto. As horas, vem-me anunciar a sopa e desce um lanço de dezoito degraus sem pôr o pé em nenhum deles. Monta no corrimão! E se eu me demoro, ele sobe e torna a montar!! E torna se eu não vou depressa!!! Ora isto é uma notória falta de respeito. Mas há pior. É o *Pombinha*. Eu estou a trabalhar e *Pombinha* sobe os mesmos dezoito degraus com um grande barão na mão e na ponta uma rolha e atrás da rolha um gato e vem para junto de mim fazer habilidades. Mais falta de respeito...!

\*\*\* *Zé da Lenha*, um impressor quase encartado, não deixa por nada o seu antigo posto, e à noite, depois da ceia, vai para a copa lavar pratos. Isto seria muito de louvar, se não houvesse por trás de tudo um jeitinho que lhe ficou de quando ele era pequeno; *lamber*. *Zé da Lenha*, nos seus tempos da copa, foi o rei dos lambareiros. Mas eu deixo. Eu calo-me. Eu também gosto. Vistas bem as coisas, não há fraquezas nas mais que não sejam também as nossas. E se não aquelas, outras.

\*\*\* Actualmente, pela idade e frio e o mais, não desço às refeições. *Manel do Embrulho* arma tudo no meu escritório e às horas vai buscar. Ele é um apressado. Um grande impaciente. É um sem método. Podendo transportar tudo por uma só vez, num tabuleiro, não senhor. É às peças. Esquece uma. Vai por outra. Torna a ir. Torna a vir. Ele respira e fumeja e por nada deste mundo acalma!

Ontem declara-me, enquanto serve, que está lá em baixo uma coisa muito boa. É pra si. Servida a sopa, o *Manel do Embrulho* desce e eu fico à espera. Uma coisa muito boa...! Eu gosto de coisas boas. Ainda não. Trazia o conduto e torna a falar na coisa muito boa. É tudo pra si. Agora sou eu que começo a impacientar-me. *Manel do Embrulho* era um terrível! Ele serve vinho. Ajeita a mesa. É agora, exclama, e desaparece. Tinha acabado de comer. O sol atravessa as vidraças das janelas. Estou sozinho. Tanta gente! Tantos pobres! Tantos rapazes! Um mundo, e eu sozinho! Um mundo preso e encostado às minhas ideias — e eu sozinho! Estava eu nesta tristeza quando oiço passos e logo a voz do *Manel*: *cá vou!* Era um cacho de uvas. Um cacho de uvas brancas que foram e ora amareladas do tempo. Olhe uvas, diz o inocente, enquanto as coloca ao pé de mim. É tudo pra si.

No derradeiro Setembro, aquelas uvas valiam pouco. Não mereciam sequer ser faladas. Para quê, se sobre a cabeça do *Manel*, elas eram às pilhas, pendentes de extensas videiras! Mas hoje não. Hoje são uma delícia. Quem souber esconder-se; quem souber ser naturalmente, sinceramente e activamente raro—esse pode contar com o apreço dos *Maneis do Embrulho!*

\*\*\* Ontem estive a meio grau abaixo de zero, diziam as gazetas. Ora deve ter sido, porquanto *Manel do*

*Embrulho* foi a Cete aviar um recado de manhã, de bicicleta, já se vê, e chegou a casa gelado. A senhora da cozinha meteu-o atrás do fogão. Assim o vi, ao sair da capela;—e até, para lhe poupar trabalhos, tomei ali o meu café. Ora muito bem. Ao meio dia, sou chamado para jantar. A mesa estava posta. *Manel* entra de luvas e umas meias até aos joelhos e umas sapatilhas e a sopa. O rapaz serve e fica ali ao pé. Está inquieto. Quer que eu pergunte. Eu faço de conta que me não importo e continuo a sorver. Mais inquietação. Mas ele não pode. Coloca as duas mãos no ar—ó. Aponta com elas as pernas—olhe. Levanta um pé por cada vez—ó.

Eu continuava a comer! Ele explica. *foi a sedona Virginia que me deu as meias e a sedona Hortência que me deu as luvas*. Eu tinha acabado a sopa. O criado, de luvas, retira o prato e põe outro, enquanto vai passando as luvas por pé dos meus olhos—olhe que quentinhas. Não fiz caso. Não disse nada! *Manel*, desgostoso, à sobremesa já não trazia nada; aparece como dantes! Aqui está. A presença, uma atitude, uma palavra; qualquer coisa da nossa parte, pode modificar atitudes e até formar convicções na Criança.

\*\*\* O Avelino tomou o *Morris*, meteu lá dentro cinco «Batatas», pede-me cem escudos e foi ontem à feira de S. Martinho comprar brinquedos. Era domingo, a feira das prendas. Chegou à tardinha com um grande embrulho e dentro vinte e quatro peças. Como os pequenos, diante daquela riqueza, não soubessem determinar-se, Avelino escolhe e dá um a cada um. Os «Batatas», com o ser pequeninos, já têm suas obrigações. Um deles é refeiteiro das senhoras. Pois bem. Enquanto durou o automóvel que lhe coube, tiveram as senhoras de pôr e ir buscar pratos...

## Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Mais um grito de alarme—temos pouquíssimo dinheiro em caixa! No entanto, para compensar, admitimos mais um doente, chefe duma família numerosa. É a tragédia do Trabalhador. A tragédia do Pobre... esse desconhecido para o Mundo dos grandes homens e dos grandes projectos.

Somos o confidente das aflições. Somos sim senhor. É frequente ouvirmos relatar a tragédia—eu trabalhava em tal parte; o dinheiro chegava para o caldinho e b. roa; adoeci e se não me ajudarem morremos de fome. Não é morro, morremos, morre uma família Estes nem querem saber dos remédios—querem pão. Outros chegam-se para serem aviadas receitas, quantas de meter medo! Ainda outros: ao menos o leitinho, ou porque tem uma úlcera ou por tuberculose. E, claro, já se sabe o antecedente: deficiente alimentação. Eu pasmei, em tempos, ao ler um relatório duns funcionários em certo meio rural do país. Dizia se que a alimentação no local, objecto de estudo, era regular. Pergunta-se, então, qual a causa dos pacientes pobres que socorremos?

Ora muito bem. Mudando para o assunto que iniciou esta crónica, eu quero pedir aos senhores que não se esqueçam da nossa conferência. Queremos dar ao Pobre. Sem a vossa ajuda nada. Com ela, tudo.

Júlio Mendes

# De como eu falei pela primeira vez num Congresso

**A**NTES de me fazer Padre, por favor e escolha de Deus, trabalhei longos anos fora e longe de Portugal, numa colónia de ingleses.

De uma vez, um meu colega recém-chegado de férias, pede-me cem libras emprestadas. Antes de o fazer quis naturalmente saber do que se tratava e a resposta não se fez esperar. Tudo muito simples, segundo os costumes do seu povo. Ele combinara casamento com uma rapariga da sua terra natal. Trocaram-se as alianças. Entretanto muda de opinião e precisa de cem libras para dar à mãe, ao comunicar-lhe a decisão acerca da sua filha. Eu emprestei-lhe as cem libras em oiro. Tinha firmado contracto com duas alianças de oiro. Resolve de maneira diferente com o oiro. Vai agora ganhar cem libras com o suor do seu rosto. Aqui não há leviandade; é tudo oiro.

De outra vez, um outro meu colega de carteira, vem sofrendo por largo tempo importante desconto no seu ordenado. Já há muito que eu tinha percebido, mas não quis ser indiscreto. Ele aceitava os descontos. Não discutia, nem sequer falava do caso a ninguém. Até que um dia, movido de curiosidade, pergunto. Outra vez muito simples e muito fácil, segundo os usos do seu povo. O rapaz tivera um deslize na sua vida particular. Toma as culpas sobre si. Reconhece e aceita o encargo. O dinheiro que mensalmente desconta, é para manter e vestir e educar o filho que nasceu.

Por estes dois casos, tive ocasião de tomar contacto com um povo, aonde as leis sagradas da família se vivem e respeitam. Nenhum daqueles rapazes me contou em ar de galhofa o que lhes tinha acontecido. Muito ao contrário eles lastimavam. Pesava-lhes. Estavam arrependidos. Cumpriam. Tive contacto, sim, e sem conhecer a lei, vim a saber como ela é, pelos próprios que estavam cumprindo. Era a prática das coisas. Conhecimento verdadeiro. Exactamente como este que descontava para a criação do seu filho, soube que outros, noutras terras e pelas mesmas causas, tomavam idênticas atitudes. Era, segundo eles, um caso raro; um caso de lastimar. Porém, uma vez dado, ninguém pensava em fugir às responsabilidades. Do meu colega e amigo aprendi isto tudo. O processo é simples. A lei é sumária. O regedor promove. O subsídio diminui à maneira que o filho cresce e aos dezasseis anos cessa a obrigação do pai. Eis o meu conhecimento prático da questão.

Em muito que pese aos latinos, isto dá-se em países protestantes. Será, talvez, mais por educação do que profissão religiosa; será. Mas a verdade é que, segundo as cifras, o número de filhos ditos sem pai, é muito maior entre nós do que lá. Há três anos, num Congresso que teve lugar algures na América Latina, eu estava presente e ouvi números que só me não assustaram porque lido com eles e sei que são verdadeiros. E o mesmo se pode dizer com verdade das duas grandes cidades nas nossas Províncias Ultramarinas.

O facto de haver dois códigos de moral diferentes, fomenta o vício do homem à custa do sacrifício permanente da mulher. Na verdade e em virtude desta leitura errada do Decálogo, o vício enche o mundo de filhos sem pai e de mulheres sem honra. Vemos por toda a parte que a sedução e o abandono, já não são delitos sociais! Entraram nos costumes! São acontecimentos normais! Os legisladores parecem esquecer que, muito melhor do que abrir asilos e sustentar neles filhos da infâmia, seria impedir a infâmia que os produz. Melhor que abrir maternidades para mulheres desonradas, é evitar a tolerância que faz da sua vida um jogo do homem que se chama e se diz honrado. A maior parte das cédulas dos nossos rapazes, confessam que suas mães os deram à luz em maternidades, por emergência. São partos dolorosos; não pela dor física, que essa é canonizada no Evangelho. Dor que Deus canoniza é por isso mesmo meritória e construtiva; mas ali não. Ali é outra;—falta o homem responsável... Ausência física e moral. Não pode a mãe sentir aquela alegria de dar um homem ao mundo. O filho é um troçoço. Vai ficar fora da lei; não tem pai...!

Remédio? Muito simples; abrir mais casas do gaiato. Aos domingos, as nossas aldeias são invadidas e é frequente ouvir dos visitan-

tes—*que pena não haver mais obras assim!* A consciência do povo está erroneamente formada. Nós temos de reagir, de ensinar o Decálogo como ele é. É preciso denunciar o mal; ir contra esta doutrina fácil e mentirosa. Todos somos poucos para pregar sobre os tetos o que às escondidas se pratica.

Este erro de situações criadas a tal ponto engana, que um grupo de visitantes se escandalizou um dia, quando um dos nossos cicero-nes, perguntado quantos rapazes estavam, responde que 180 deles; *mas antes fossem só dez*, acrescenta. Os senhores não gostaram nada de ouvir aquela afirmação. Tomaram-no por um mau colega, chegando, mesmo, a feri-lo com a pergunta: *tu não queres para os outros o bem que tens aqui?* Mas o rapaz é forte nas suas convicções. Ele sente e vive a mágoa de ser um repudiado. Ele conhece e tem pedido a benção ao seu pai, que é um homem preponderante na Sociedade...! Por isso àquela pergunta dos visitantes, o enfeitado dá uma resposta cheia de luz: *parece-me que os senhores ainda não compreendem que se fossemos só dez, era sinal que poucos precisavam da Casa do Gaiato.* Ora aqui temos a boa doutrina. Sigamos esta luz. Que ela seja estrela de Magos. Reagir sim. Sacudir a inércia que nos converte em cúmplices. Tremar. Amar a responsabilidade. Ir direito às causas que profanam as leis sagradas da Família. O que é o infanticídio? Em regra, é

## AGORA Continuação da primeira página

Senhor Padre Américo, não se esqueça de na sua Missa, pedir a Deus por nós e pelas nossas Famílias e dizer-Lhe que queremos morrer em Portugal.

Da nossa parte, pedimos-Lhe que dê ao Senhor Padre Américo muita saúde e vida longa para poder continuar essa bela Obra!

Eu tive a honra de o conhecer, aqui há poucos anos, no Forte de Santa Catarina na Figueira da Foz. Entreguei-lhe então 3.000\$00 também já dos amigos de Bumba, lembra-se Sr. Padre Américo?

Beijam-lhe as mãos os portugueses e portuguesas de Bumba e, muito especialmente, esta que pouco vale.

*Esta casa fica na estrada nacional que vai de Cete a Entre-os-Rios, no lugar chamado das Alminhas, freguesia de Galegos. Como a distância é pequena, podem vir aqui à casa do gaiato e um rapaz vai mostrar. Após a informação, entremos na carta. Nós queremos morrer em Portugal. A quem jamais foi confiado um tamanho grito de alma?! Quantos senhores importantes não andaram por lá este ano, à mesma hora e mesmos sítios por onde passei, quantos?! A quem jamais foi dada uma tão doce confiança—Nós queremos morrer em Portugal!*

*O que eu observei de grandeza nas Mulheres portuguesas do interior de África, que desejam morrer em Portugal! Vi uma, mas ele há mais, que mora a 800 quilómetros. Concebeu, gerou, deu à luz nove filhos. Destex-se! Agora, educa e prepara-os para a 4.ª classe. Oh heroísmo! Tanto maior quando é certo que Elas não dão fé! Também eu lhes beijo a mão! Vai o Porto com 200\$00. Lisboa metade. Vão roupas de cama de uma pobre pecadora que pouco mais tem. Outra vez o Porto com 100\$ do primeiro ordenado de meu filho, oficial do Exército. Cautela; vão passar a Minucha, a Graça e Zézito, mais roupas de cama. Ainda o Porto com 100\$. O Pessoal da «Chenop» enfileira com 250\$00. Um vendedor trouxe 500\$00, que na rua lhe confiaram. Vai aqui alguém com uma telha de 50\$00. Mais 50\$00 gostava de saber se recebeu. Recebemos sim senhor.*

um acto de desespero. Uma fuga. O último arranco da mulher, para conservar a sua fama. Quantas lágrimas vertidas! Que de aflições! Quam poucas sabem ler nos jornais a notícia dum infanticídio! O opróbrio cai sobre ela. Os vizinhos apedrejam. A opinião condena. A família calca. E o criminoso safa-se!

Por caridade defendamos os inocentes. Nós todos sabemos que na ordem sobrenatural das coisas, o sacrifício de uns, causa o bem dos outros, mas aqui não. Se eles sofrem, se vegetam, se morrem abandonados não é por nós; é contra. Nós somos os culpados. Eles condenam-nos e executam-nos...! E por caridade, por amor de nós mesmos, para o nosso bem espiritual que cada um segundo o seu grau de inteligência e de influência, deve trabalhar por estudar as causas na sua origem e pôr os meios em prática. Que ele já se vai fazendo luz! O problema parece ter já entrado na inteligência e no coração dos novos. Sei de um estudante que pretendeu fazer a sua tese sobre este delicado assunto e só não o apresentou por ter sido aconselhado em contrário:—*nós temos em Portugal a lei de investigação de paternidade; assim lhe disse o mestre.* E o estudante ficou-se. Eu gostaria que tivesse reagido, ao que ele me respondeu:—*cortavam-me Padre.* Pois que cortassem. Que ele ficasse mal nos seus exames, sofresse perseguições, perdesse os seus direitos e fosse até à morte, para ser ponte sangrenta por onde a justiça passasse. Se não este, outro há-de vir. Vai-se fazendo luz...

Quando me convidaram a vir aqui dizer da criança abandonada, aceitei imediatamente, por uma necessidade de desabafar. É que a nossa Obra, por ser de rapazes da rua, faz a cama e põe a mesa a um sem número deles, cujos pais vivem, podem e não querem. Podia-me ter desde há muito habituado a este clima, de tantos que eles são e porque sempre assim tem sido, mas não. Cada vez me sinto mais revoltado. Sinto-me diminuído a meus próprios olhos. Tenho-me por um conivente de omissão. Já não tenho forças para receber por mais tempo a notícia e o pedido para tomar conta do filho porque a mãe quer ir servir. Não me afaço. Não me quero afazer. Desejo protestar publicamente em nome de Deus e duma Pátria mais sã. E como de um Congresso desta natureza devem sair resoluções práticas e a praticar, vamos terminar assim o nosso pequenino trabalho.

## CONCLUSÃO

A chamada lei de investigação de paternidade, não dá nada nestes casos. Pretende-se uma lei sumária com aplicação imediata e alçada do regedor. Não há pais incógnitos, nem filhos ilegítimos. Os pais é que o são. Estes é que devem legitimar. Eles são conhecidos. Se não se obrigam em consciência, que a lei os obrigue. Uma lei severa, castigos pesados, que sirvam de emenda ao próprio e seja espelho dos vizinhos. Desta sorte, não vamos acabar desde já, nem totalmente com o escândalo dos filhos de ninguém, mas vamos sim, diminuirlos. É um passo em frente para um profundo bem social. Está a justiça em causa. Todos lucram. Menos asilos, menos manicómios, menos prisões e menos casas do gaiato.

E os legítimos cuja família não serve? Quintas. Aldeias. Grandes núcleos familiares. Deixar o rapaz agir, escolher, respirar sob o bafo paternal de quem dirige e lhes dá o poder. Exemplo: as casas do gaiato. Elas estão aí. Já não são uma hipótese. Portas abertas. De resto, tudo hoje se encaminha para esta modalidade de assistência; uns por mera intuição, outros fundados na experiência dos mais. Asilos,—não.

E os legítimos que caem na orfandade? A esses, ajudar os seus parentes. É medida cristã. Custa menos à Nação. Rende mais ao núcleo familiar. Exemplo: tem acontecido aparecer viúvas à nossa porta com filhos pela mão. Se limpas e bem parecidas, em vez de aceitar o órfão, vamos a casa delas, inteiramos do seu estado e damos-lhes uma pensão das nossas esmolas. O bafo da própria mãe na posse do seu filho e dentro da sua casa, opera o milagre da suficiência. Fichas,—não.